



NUM ENCONTRO ENTRE AMIGOS, FALÁVAMOS SOBRE O PRAZER DA LEITURA, DA POSSIBILIDADE DE RECRIARMOS PERSONAGENS ÚNICOS A PARTIR DE CRIATURAS DESENHADAS EM LIVROS.



PARA O CINEASTA E ESCRITOR WOODY ALLEN, NÃO EXISTE E NUNCA EXISTIRÁ ALGO QUE SUBSTITUA A LEITURA.



NÃO É POR ACASO QUE OS FILMES QUE PRETENDEM REPRODUZIR OBRAS LITERÁRIAS NÃO COSTUMAM SER BEM ACEITOS.



LITERATURA E CINEMA NEM SEMPRE SÃO BONS COMPANHEIROS. ATÉ PORQUE UM LIVRO TEM TANTAS INTERPRETAÇÕES QUANTO SEUS LEITORES. CADA CABEÇA UMA SENTENÇA, UMA IMAGEM, UMA PERCEPÇÃO, UM SONHO...



LEITURA Num encontro entre amigos, falávamos sobre o prazer da leitura e a possibilidade de recriarmos personagens únicos a partir de criaturas “construídas” em livros. Alguém falou da beleza de poder imaginar a partir das palavras escritas, reinventar *personas* e poder sonhar lugares a partir dos cenários descritos. Ler e reler nos permite descobrir novas emoções em situações muitas vezes conhecidas, emocionarmos-nos com velhas histórias, repaginarmos o escrito, reencontrarmos amores, revermos velhos conhecidos. Esse é poder da leitura. A mágica do texto que impulsiona a imaginação. A propósito dessa conversa, Ralph e Nicola recomendaram a entrevista de Woody Allen publicada na Folha de S. Paulo: “*Esta na última página da Ilustrada, de um dia deste mês de julho*”, um deles falou.

WOODY ALLEN E aqui estou eu, com a Folha de S. Paulo de 23 de julho de 2010, lendo a última página da *Ilustrada*. Uma entrevista de David Itzkof, para o *The New York Times*, que o diário paulista reproduziu. Nela, Woody Allen fala da sua experiência com tecnologia, a gravação, em audiolivro, de quatro coletâneas de ensaios de humor que havia escrito entre 1971 e 2007. Uma tarefa, segundo ele, tremendamente difícil, para quem não tem computador e diz ter interesse zero pelo universo tecnológico. No seu jeito casual, ele revelou: “(...) muitas pessoas acharam que seria uma ideia simpática que eu lesse minhas histórias, e eu cedi (...) imaginei que seria bastante fácil para mim, mas, na verdade, mostrou ser tremendamente difícil (...) odiei cada minuto, lamentei ter concordado em fazê-lo”.

OUIDO DA MENTE Woody Allen diz ter feito uma descoberta com essa experiência: “(...) percebi que muitíssimas histórias são feitas para funcionar realmente no ouvido da mente e que fazer sua leitura em voz alta diminui sua força (...) não é divertido ouvir uma história que na realidade foi feita para ser lida, ou seja, não existe e nunca existirá algo que substitua a leitura”. O cerne da entrevista era saber se ele, Woody Allen, acreditava que a palavra impressa estivesse morrendo. Ironicamente, Allen respondeu que esperava que a leitura em voz alta não contribuísse para o fim da literatura, afinal, ele continuou “(...) quando

éramos jovens sempre podíamos ouvir T.S. Eliot, Yeats, S.J. Perelman e uma multidão fazendo leitura no selo Caedmon e, isso, era um deleite que de maneira alguma prejudicava o prazer de se ler essas pessoas”.

LITERATURA E CINEMA Esta história, contada por um cineasta que também é escritor, revela que literatura e tecnologia nem sempre são bons companheiros. Até porque um livro tem tantas interpretações quanto seus leitores. Cada cabeça uma sentença, uma imagem, uma percepção, um sonho... Não é por acaso que os filmes que pretendem reproduzir obras literárias não costumam ser bem aceitos. Talvez porque roubam a imaginação, emprestando forma e colorido aos personagens e aos lugares que, raramente, correspondem aos que idealizamos. Não é por acaso que um livro transformado em filme sempre gera polêmica. Não é coincidência que os grandes filmes nascem de roteiros ou são apenas inspirados em obras literárias. É por isso mesmo que os grandes cineastas criam seus filmes com uma distância tácita das grandes obras literárias. É por isso também que Hitchcock disse não se interessar pelas histórias, mas pela maneira de contá-las.

IMAGINAÇÃO Esse exercício de ideias nada mais é do que a constatação de que as tecnologias podem ficar obsoletas e até morrer. Mas as linguagens sempre poderão conviver entre si porque retratam a imaginação humana, que é múltipla, diversa e incomensurável. O cinema, a dança, a música, a poesia, a pintura, a escultura, a literatura, o teatro são as mais verdadeiras e legítimas formas de expressão, porque representam emoções, desejos e gostos. Tudo cem por cento humano e, por isso mesmo, cheio de vida e contradição, assim como os personagens que lemos e recriamos em nossa mente, como Orlando, de Virgínia Woolf; Hamlet, de Shakespeare; Drácula, de Bram Stoker; Alice, de Lewis Carroll; ou as *personas* interpretadas em 24 quadros por segundo, como o Cidadão Kane, de Orson Welles; Dorothy, do Mágico de Óz; Rick e Ilsa, de Casablanca; Cabíria, de Fellini... Uma infinidade de criações que tecnologia nenhuma será capaz de inventar, mas, apenas, reproduzir.